

Açaizal

**Técnica
de manejo.**



Manejo de açaizal nativo para produção de frutos nas várzeas do estuário amazônico.

f"Chegou ao Pará, parou; bebeu açai, ficou."

O açazeiro (*Euterpe oleracea* Mart.) é uma palmeira nativa da Amazônia que se destaca, entre os diversos recursos biológicos vegetais, pela abundância e por produzir importante alimento para as populações locais. Apresenta sua maior concentração no estuário amazônico, com uma área estimada de 1 milhão de hectares.

O título acima, um dito popular, mostra bem a importância do açai para o paraense, como um alimento cujo consumo faz parte da sua cultura.

E que tem se transformado num respeitado produto de exportação, que vem conquistando outras regiões dentro e fora do País, com um crescimento de 20%, nos últimos três anos, quando foi iniciada a comercialização da polpa concentrada em latas.

Cerca de 180 toneladas/mês de polpa congelada do vinho do açai são destinadas para os estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Brasília e Goiás.

Neste ano, foi iniciada a exportação para os Estados Unidos e a Itália.

O processo de congelamento aumentou o consumo de açai dentro do próprio Estado do Pará, onde ele é um importante alimento das populações de baixa renda, embora esteja com requência nas mesas das classes mais favorecidas.

Estima-se que, só em Belém, existam mais de 3.000 pontos-de-venda, que comercializam diariamente 120 mil litros de açai.

Gerando renda, gerando emprego.

A exploração do açaí é de fundamental importância para as economias dos Estados do Pará e do Amapá, dado que responde pela sustentação das populações ribeirinhas, estimando-se que, nas atividades de extração, transporte, comercialização e industrialização de frutos e palmitos do açaizeiro, são gerados 25 mil empregos diretos, sendo movimentados, anualmente, R\$ 40 milhões.

A produção de frutos de açaí no Estado do Pará cresceu de 91.851 toneladas em 1994 para 156.046 toneladas em 2000, um aumento de quase 70%.



Conservando o ambiente: mais fruto, menos palmito.

As exportações de palmito em 1999, no Estado do Pará, foram de aproximadamente 7,5 milhões de dólares.

Em 1992, essas exportações atingiam 29,3 milhões de dólares. Essa quebra de produção do palmito é decorrente da maior coleta de frutos, o que se reflete também na preservação dos açaizais nativos, já que a extração do palmito vinha provocando a degradação da espécie, principalmente nos locais onde não se praticava o manejo nem se observava o tempo mínimo suficiente para a recomposição dos estoques de plantas adultas.

A técnica de manejo de açaizal.

As pesquisas com açazeiro na Amazônia iniciaram em 1956, pelo antigo Instituto Agronômico do Norte, voltadas inicialmente para o aproveitamento do caroço, passando, posteriormente, para o aproveitamento dos estipes para a indústria papelreira, face à grande destruição dos açaisais para a extração do palmito no início da década de 70.

Paralelamente, foram iniciados os primeiros esforços visando o seu plantio, e, a partir da década de 80, começaram as atividades de manejo, com a participação do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Nos açaisais não-manejados, existem cerca de 500 estipes em produção por hectare, com uma média de 3 cachos/estipe/ano, perfazendo 1.500 cachos, que produzem 300 latas de frutos, medida regional que corresponde a 20 litros ou 14 kg.

A técnica recomendada pela pesquisa foi a de aumentar o estoque de açazeiros e consiste, basicamente, na eliminação das plantas de espécies consideradas de baixo valor comercial, daí surgindo espaços livres que são ocupados por plântulas de açazeiros com altura média de 50cm, oriundas espontaneamente de sementes, transplantadas das proximidades, e de mudas de outras espécies produzidas especificamente para esse fim.

Com o raleamento, efetua-se a venda de 1.000 estipes para palmito, para custear parte dos investimentos, privilegiando o crescimento selecionado das mudas existentes no local e efetuando o plantio de açazeiros nos espaços não-existentes.

Com esse procedimento, dada a capacidade de o açazeiro ocupar espaços disponíveis, depois de quatro anos, tem-se um novo açaizal, no qual o número de estipes em produção será aumentado para 900, com uma produção de 2.700 cachos por hectare e com uma produção de 600 latas de frutos.

O descarte anual de palmeiras velhas e altas atinge 200 estipes, dobrando em relação ao sistema não-manejado.



Benefícios econômicos.

Com a técnica do manejo, a produtividade da terra é dobrada para a produção de fruto.

Enquanto o sistema não-manejado proporciona R\$400,00/hectare, o sistema manejado, a partir do quarto ano, permite uma renda líquida *ad infinitum* de R\$ 700,00/hectare.

A técnica de manejo tem seus custos ressarcidos com a produção da primeira safra.

Com essas vantagens, o açaí tem despertado interesse.

Tanto que o Banco da Amazônia S/A, através do FNO, financiou, até julho de 2000, áreas de manejo de açaizeiros, para a produção de frutos e para extração de palmito, num total de 10.887,1 hectares, atendendo mais de 5 mil produtores, sendo 92,1% no nosso Estado.

Tendo como referência a área financiada acima citada, a adoção do sistema manejado permite um incremento adicional de 40.000 toneladas de frutos e a criação de 1.500 novos empregos.

Isso é bom para o Pará.

Isso é bom para a Amazônia.

Isso é bom para o Brasil.



Amazônia Oriental

Ministério da Agricultura e do Abastecimento
Trav. Dr. Enéas Pinheiro s/n, Caixa Postal 48,
CEP 66095-100, Fone: (91) 276-6333,
Fax: (91) 276-9845, Belém, PA
www.cpatu.embrapa.br

Autores:

Oscar Lameira Nogueira
Alfredo Kingo Oyama Homma

Tiragem: 1.000 exemplares. Novembro/2000.